

2. GRÉCIA
HOMERICA



Edições 70

Título original: *Economies et Sociétés en Grèce Ancienne*

© Librairie Armand Colin, Paris, 1972

Tradução de António Gonçalves (primeira parte)
e António Nabarréte (textos)

Capa de Edições 70

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa
por Edições 70, L.da, Lisboa — PORTUGAL

EDIÇÕES 70, L.DA, Av. do Duque de Avila, 69, r/c, esq. — 1000 LISBOA
Telefs. 57 83 65 - 55 68 98 - 57 20 01

Telegramas: SETENTA

Telex: 64489 TEXTOS P

Delegação do Norte: Rua da Fábrica, 38, 2.º, sala 25 — 4000 PORTO
Telef. 38 22 67

Distribuidor no Brasil: LIVRARIA MARTINS FONTES
Rua do Conselheiro Ramalho, 330-340 — São Paulo

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à Lei dos Direitos de Autor
será passível de procedimento judicial

51000 0.
A 9370
1980
EX. 02
02203

MICHEL AUSTIN
PIERRE VIDAL-NAQUET

ECONOMIA E SOCIEDADE NA GRÉCIA ANTIGA

REGISTRO PATRIMONIAL
DO ACERVO BIBLIOGRÁFICO

CÓDIGO SETOIAL HA

ACERVO TOMB. 36908

DATA: 15/09/82

ASS. [assinatura]

SISBIN - UFOP



1000074332

O MUNDO HOMÉRICO

1951 32 90

O mundo micénico

A história dos gregos na Antiguidade conheceu duas grandes fases muito distintas: a mais bem conhecida e mais importante é a história da Grécia das cidades, que começa, grosso modo, no século VIII, com o fim da idade obscura e o princípio da época arcaica. Mas, cronologicamente, é, por assim dizer, a segunda história grega: precedeu-a uma outra história, muito diferente, a história da Grécia micénica da idade do bronze. Esta história é a história, não de cidades, mas de reinos minúsculos e, todavia, centralizadores e burocráticos, em certa medida modelados pelas civilizações contemporâneas do Próximo Oriente. Conhecêmo-la essencialmente, por um lado, pelas descobertas arqueológicas inauguradas no século passado por Heinrich Schliemann e prosseguidas desde então, descobertas que trouxeram à luz do dia os grandes palácios de Micenas, Tirinto, Pilos e outros locais; por outro lado, mediante a decifração, em 1952, pelo arquiteto inglês Michael Ventris, das tabuinhas em escrita silábica dita linear B, provenientes de Cnossos, Micenas e Pilos (e agora Tebas), decifração que revelou em pormenor o funcionamento dos grandes palácios centralizadores, que contabilizavam toda a actividade económica com uma extraordinária minúcia. Este mundo micénico desmoronou-se no decurso do século XII, na época em que grandes perturbações agitavam toda a bacia oriental do Mediterrâneo. Com ele desapareceu para todo o sempre, na história grega, o tipo de estrutura social que representava e tudo o que lhe estava ligado como instituições e factos de civilização. A história grega da época clássica não será uma história de palácios contabilizadores e burocráticos, tornar-se-á uma história de cidades. A cesura

que ocorre no fim da idade do bronze é, pois, a mais profunda sofrida pela história grega¹.

Os poemas homéricos enquanto fonte histórica

A história do mundo micénico ultrapassa o quadro do presente volume; não podíamos, todavia, deixar de a evocar brevemente. O primeiro testemunho histórico que chegou até nós após a queda do mundo micénico, e a primeira obra literária da história grega, são os poemas homéricos, a *Iliada* e a *Odisseia*. Estes poemas apresentam-se com uma evocação de acontecimentos ocorridos na idade do bronze, no mundo micénico. A questão de saber a que época histórica se poderá ligar o testemunho de Homero e em que medida nos poderemos servir dele como fonte histórica foi objecto de um imenso debate, debate que está longe ter acabado, mas sobre o qual não podemos evitar tomar posição. Noutros termos, que representa o mundo homérico enquanto fonte histórica?²

Para alguns, e são os mais numerosos, os poemas homéricos seriam muito simplesmente uma representação mais ou menos fiel do mundo micénico desaparecido: Homero deveria pôr-se ao lado das descobertas arqueológicas e do linear B como principal testemunho da história da Grécia, na idade do bronze. Este ponto de vista, se bem que muito difundido, é insustentável. É certo que os poemas homéricos pretendem ser descrição desse mundo desaparecido. Conseguiu, mesmo detectar-se nos poemas homéricos um certo número de elementos micénicos desaparecidos com a queda dos palácios, mas de que Homero guardou memória (nomes de lugares, objectos, costumes, etc.). Mas tudo isto é, em definitivo, bastante pouca coisa, comparado com tudo o que, do mundo micénico a Homero, foi esquecido como instituições e factos de civilização. Há também em Homero toda uma série de anacronismos que não entram no quadro do mundo micénico e que pertencem, de facto, à época seguinte. A decifração do linear B fez realçar ainda mais a diferença entre o mundo micénico e a sociedade homérica: um abismo separa os palácios micénicos, com a sua burocracia minuciosa, dos palácios dos reis homéricos, infinitamente menos complexos na sua organização e

¹ Para uma apresentação recente, ver M. I. Finley, *Les premiers temps de la Grèce*, trad. de F. Hartog, Paris, 1973.

² Ver P. Vidal-Naquet, «Homère et le monde mycénien, à propos d'un livre récent et d'une polémique ancienne», *Annales*, 18, 1963, pp. 703-719.

dos quais a escrita, facto essencial no mundo micénico, está inteiramente ausente. Do mundo micénico a Homero, foi todo um tipo de sociedade que desapareceu para todo o sempre e de que os gregos das idades que se seguiram nunca suspeitaram³.

Será preciso considerar então os poemas homéricos como testemunhos do seu próprio tempo, quer dizer (segundo a datação mais geralmente admitida na actualidade) o século VIII, situando-se a *Iliada* no princípio do século ou um pouco antes, e a *Odisseia* na segunda metade? Este ponto de vista está menos difundido do que o outro, mas tem sido defendido. É verdade que se podem detectar traços descritivos que pertencem muito provavelmente ao mundo em que o poeta vivia. Assim, houve quem sublinhasse os laços entre a *Odisseia* e os princípios da colonização ocidental situada na segunda metade do século VIII. Mas, por outro lado, os poemas não poderão ser considerados uma descrição literal do mundo em que vivia o poeta. Será sempre preciso contar com a vontade de arcaísmo do poeta, que olha para trás, para um mundo desaparecido que tenta evocar. Ele tem consciência de grandes transformações ocorridas em data relativamente recente, e abster-se-á de a elas aludir. Assim, quase nada diz dos dórios (apenas uma alusão), cuja instalação na Grécia se seguiu à queda dos palácios micénicos, nem da emigração grega para a Ásia Menor durante a idade obscura. Procurava evocar uma sociedade desaparecida, mas faltavam-lhe completamente os pontos de orientação. O que descreveu não é provavelmente, nem o mundo micénico, nem a sua própria época, antes um mundo intermédio no tempo (mas não necessariamente nas instituições) entre os dois, o mundo grego da idade obscura dos séculos X e IX, posterior à queda dos palácios micénicos, mas anterior ao desenvolvimento da *polis* no século VIII, que inaugura uma época completamente nova na história dos gregos⁴.

Mas não se pode ficar por aqui e partir da equivalência mundo homérico/mundo grego da idade obscura. Descrever a sociedade homérica não é exactamente o mesmo que descrever a sociedade grega dos séculos X-IX. Antes do mais há que determinar a parte dos anacronismos nos dois sentidos. Podemos dizer, esquematicamente, que há três níveis históricos em Homero,

³ Acerca de um caso particular, v. M. I. Finley, «Homer and Mycenae: Property and Tenure», in *Historia*, 6, 1957, pp. 133-159, retomado em *The Language and Background of Homer*, ed. por G. S. Kirk, Cambridge, 1964, pp. 191-217.

⁴ É a posição adoptada por M. I. Finley, *Le monde d'Ulysse*, trad. francesa, Paris, 1969, com uma bibliografia adaptada por P. Vidal-Naquet. (*O Mundo de Ulisses*, trad. portuguesa de Editorial Presença.)

o mundo micénico que o poeta tenta evocar, a idade obscura e época em que vivia o poeta: nem sempre será fácil distinguir claramente o que pertence a um, mais do que a outro.

De resto, estes problemas estão longe de esgotar o interesse histórico (incluindo o que aqui nos ocupa) da obra de Homero. Este enorme discurso poético pode e deve ser tratado como um discurso de que estudamos as leis. Aparecem então oposições que se encontrarão ao longo de toda a civilização grega. Assim, quando se verifica que Homero opõe fundamentalmente os comedores de pão, cultivadores do solo, criadores de gado e sacrificadores que são os homens e que aparecem, na *Odisseia*, em Pilos, Esparta e Ítaca ao conjunto dos não humanos, monstros antropófagos, sereias ou deuses que Ulisses encontra nas suas viagens, esta oposição transcende a questão de saber se a Pilos de Nestor é idêntica à que os arqueólogos de Cincinatti descobriram em Epano-Engliano. O que não impede o historiador de estar atento. Assim, o episódio de Cíclope, no canto IX da *Odisseia*, descreve ao mesmo tempo selvagens, no sentido mítico do termo, criadores de gado «bárbaros» tal como os gregos os podiam ter conhecido e uma terra a propósito da qual é lançado um apelo realista à colonização. Seja como for, para voltar aos problemas mais concretos, verificar-se-á que Homero está consciente do facto de que o mundo micénico desaparecido era mais rico e mais poderoso do que aquele em que ele vivia.

Esse mundo recria-o ele tal como o imaginava, para o que exagera livremente a riqueza dos seus reis. Não se podem tomar ao pé da letra as descrições dos palácios homéricos, com os seus vastos tesouros e as suas quantidades de escravos: a precisão dos dados numéricos é apenas aparente e não deve iludir-nos. Será em vão que se procurarão na arqueologia dos séculos X-VI vestígios de mansões como a grande 'casa de Ulisses' em Ítaca. A imagem do mundo grego da época, revelada pelas escavações, é bem menos brilhante: empobrecimento da civilização material, abandono de numerosos locais, interrupção das relações com o estrangeiro. Só pouco a pouco é que o mundo grego se irá restabelecendo e consolidando, após os distúrbios que marcam o fim da época micénica⁵.

Por outro lado, o mundo homérico é excessivamente uniforme nas suas instituições: não se tem o sentimento de diversidade entre diferentes partes do mundo grego da época. É difícil

⁵ Para uma exposição recente sobre a arqueologia dos séculos obscuros, v. A. Snodgrass, *The Dark Age of Greece: an archaeological survey of the 11th to the 8th centuries B. C.* Edimburgo, 1971.

acreditar-se que assim tenha sido efectivamente na realidade. O que caracterizou a história grega em quase todas as épocas foi a desigualdade de desenvolvimento entre diferentes regiões do mundo grego. Mas, para a época em que se situaria *grosso modo* a sociedade homérica, faltam-nos meios de controlo: a imagem do mundo grego deverá, pois, conservar sempre uma certa abstracção.

É preciso insistir finalmente, e sobretudo, nas diferenças entre a *Iliada* e a *Odisseia*⁶: não há, a bem dizer, «sociedade homérica», há a sociedade da *Iliada* e a da *Odisseia*. Diferença de idade, antes do mais: a *Iliada* reflecte um mundo mais arcaico e menos aberto do que a *Odisseia*. Diferença de assunto também: a *Iliada* mostra uma sociedade em guerra em que a aristocracia guerreira desempenha o papel essencial, devido à sua supremacia militar, e em que o papel das classes inferiores é, por conseguinte, mais apagado, pois «não contam para nada na guerra ou no conselho»⁷. A *Odisseia*, em contrapartida, fornece uma imagem muito mais pomnenerizada da sociedade e daquilo a que chamamos economia. Em particular, concede um lugar muito mais amplo ao indivíduo: os humildes, cujo papel na *Iliada* é restrito, figuram muito mais amplamente e o poeta interessa-se mais pela sua sorte. É difícil procurar traçar um quadro da sociedade da *Iliada*. O que se segue aplica-se antes de mais à *Odisseia*, e as diferenças em relação à *Iliada* serão referidas sempre que possível.

Características do mundo homérico

Começemos, já que cada um de nós parte de uma certa ideia da civilização grega como civilização da *polis*, por notar uma ausência.

A primeira característica essencial do mundo homérico, tanto da *Iliada* como da *Odisseia*, é a ausência da *polis* no sentido clássico. É claro que encontramos em Homero a cidade no sentido de aglomeração urbana, com um centro onde se fazem as reuniões (a *ágora*). Além disso, estas cidades são o único tipo de estabelecimento humano conhecido do poeta: não há em Homero menção de aldeias, que deviam no entanto existir então em numerosas regiões do mundo grego, tal como existirão mais tarde. Mas as cidades homéricas não são *poleis*, pelo menos se se descreverem estas como comunidades que agrupam todos os

⁶ Sobre isto e sobre tudo o que se segue, v. Alfonso Mele, *Società e lavoro nei poemi omerici*, Nápoles, 1968.

⁷ *Iliada*, II, 202.

cidadãos e formam associações políticas independentes e soberanas interna e externamente. Sem dúvida, encontramos em Homero os termos de *demos*, *polis*, *politai*, que exprimirão mais tarde estas noções. Mas o seu conteúdo não tem de modo algum a plenitude que mais tarde adquirirão. O sentimento comunitário existe já em Homero, mas sofre ainda a forte concorrência do poder do *oikos* aristocrático.⁸

Em Homero, a ausência da cidade no sentido clássico provoca a ausência de noções que se ligam à instituição da cidade: o desenvolvimento dessas noções está estreitamente ligado ao desenvolvimento da própria *polis*. Não encontramos, pois, em Homero a noção, a seguir fundamental, de cidadania, dos direitos e deveres do cidadão, nem, conseqüentemente, a noção antitética do não cidadão, estranho à comunidade política. A antítese entre livre e escravo, em contrapartida, existe já em certa medida, nem sempre sendo, todavia, igualmente nítida. Há escravos no mundo homérico como os haverá em todas as épocas da história grega, e a existência da escravatura como instituição é apresentada pelo poeta como evidente e natural⁹. Mas a antítese livre/escravo, se existe, não possui a clareza que terá na cidade clássica do tipo ateniense¹⁰.

Deixemos agora de raciocinar em termos de futuro: o papel essencial, no mundo homérico, é desempenhado pelo *oikos* aristocrático. Os grandes heróis ocupam o primeiro plano e agem habitualmente por conta própria, como se a comunidade não existisse. Entrevê-se todavia, por exemplo na cena da *ágora* de Itaca, no canto II da *Odisseia*, a existência de um certo sentimento comunitário, por vezes em conflito latente com as aspirações dos heróis: existe, pois, uma certa tensão entre a cidade homérica e o *oikos* aristocrático.

O que é um *oikos*? Verte-se este termo, por vezes, por «*família*»¹¹. A tradução é, na verdade, demasiado estreita e pode prestar-se a confusões. Um *oikos*, mesmo no seu aspecto puramente humano, é mais do que uma família no nosso sentido

⁸ V. W. Hoffmann, «Die Polis bei Homer», in *Festschrift für Bruno Snell*, Munique, 1956, pp. 153-165, retomado em *Zur griechischen Staatskunde*, ed. por F. Gschnitzer, Darmstadt, 1969, pp. 123-138.

⁹ V., por exemplo, *Odisseia*, XVII, 419-423.

¹⁰ Evitar-se-á todavia tomar à letra os dados homéricos sobre a escravatura; v. J. A. Lenoman, *Die Sklaverei im mykenischen und homerischen Griechenland*, trad. do russo, Wiesbaden, 1966.

¹¹ Assim, frequentemente, W. K. Lacey, *The Family in Classical Greece*, Londres, 1968.

actual (quer dizer, no mínimo, o grupo pais-filhos). O nosso conceito de «*família*», neste sentido, é intraduzível para o grego de Homero. No seu aspecto puramente humano, o *oikos* não deixa de ter por centro um grupo familiar mais ou menos extenso. Mas inclui ao mesmo tempo todas as pessoas, livres ou escravos, que dependem directamente do chefe do *oikos*, quer dizer, todos os servidores afectados às numerosas tarefas exigidas pela vida económica do *oikos*. Naturalmente, quanto maior e mais poderoso for o *oikos*, mais dependentes possuirá. O *oikos* não é, pois, no seu sentido puramente humano, uma instituição estritamente baseada no parentesco.

Mas a noção de *oikos* recobre mais do que um simples grupo humano. O *oikos* engloba os bens de toda a espécie, móveis e imóveis, inseparáveis na prática do agrupamento humano, visto que são eles que asseguram a sua existência material. Fazem parte do *oikos*, por conseguinte, as terras, as edificações, o gado, as reservas de todo o tipo, o material, etc. O *oikos* é uma unidade económica ao mesmo tempo que uma unidade humana, e é regido pelo chefe do *oikos*, que será no mundo homérico um grande chefe guerreiro, como Menelau ou Ulisses. Do ponto de vista económico, o ideal do *oikos* é a autarquia (ideal que terá uma longa história no mundo grego): o *oikos* deve, tanto quanto possível, bastar-se a si próprio, deve poder produzir no seu seio tudo o que é necessário à sua existência. Não existem trocas no interior do *oikos*: toda a produção é concentrada nas mãos do chefe do *oikos* que, em seguida, a reparte à sua maneira. O *oikos* é, pois, ao mesmo tempo uma unidade de produção e de consumo e a maior parte das suas necessidades materiais são satisfeitas fora de qualquer contacto com o mundo exterior e de qualquer troca comercial.

Em que consiste a riqueza material de um *oikos* aristocrático? Em primeiro lugar, em terras: os nobres guerreiros são, antes de mais, proprietários rurais. Desde Homero que encontramos a concepção da agricultura como fundamento da civilização¹². A terra é explorada por todas as formas: agricultura, culturas arbustivas (vinhas, oliveiras, árvores de fruto), culturas hortícolas, mas é na verdade a economia pastoral que predomina¹³. A riqueza dos grandes chefes contar-se-á sobretudo pelo número

¹² V. P. Vidal-Naquet, «Valeurs religieuses et mythiques de la terre du sacrifice dans l'Odyssee», in *Annales*, 25, 1970, pp. 1278-1297.

¹³ Os dados homéricos relativos à agricultura estão reunidos por W. Richter, *Die Landwirtschaft im homerischen Zeitalter*, Göttingen, 1968; infelizmente, encontram-se misturados com os dados micênicos.

Handwritten notes at the bottom of the page: "Polis... valores do mundo grego, grego"

de cabeças de gado, principalmente de bois, que possuem nos seus domínios. A par da propriedade fundiária, dos rebanhos (e dos escravos, que podemos incluir entre os bens do *oikos*), está o «tesouro» acumulado, que será guardado numa sala especial no centro da mansão senhorial: aí se encontrarão reservas alimentares: trigo, bilhas de vinho e de azeite, e também tecidos preciosos, metais, vulgares e raros, em estado de lingotes ou sob a forma de anmas, de tripodes, de caldeiros. A posse de um tesouro tão importante quanto possível não obedece apenas a imperativos estritamente utilitários (se bem que estes existam, cf. *infra*), responde também a considerações de prestígio. O poderio do nobre guerreiro avaliar-se-á, entre outras coisas, pela importância do seu tesouro e pela magnificência dos dons que pode fazer a hóspedes de nível igual ao seu.

O ideal económico do *oikos* é, já o dissemos, a autarcia. Na prática, não era possível mantê-la estritamente e, ao mesmo tempo, era preciso contar com o insaciável apetite de riqueza dos nobres. Entre as comodidades essenciais que o *oikos* não podia fornecer estavam sobretudo os metais e os escravos: era impossível permanecer sem contacto com o mundo exterior. A maneira como os heróis se arranjavam para prover a estas necessidades vitais é reveladora da mentalidade e dos valores do mundo homérico.

O primeiro meio de aquisição é muito simplesmente a guerra e, em Homero, sobretudo na *Iliada*, é claro, a guerra aparece mais franca e brutalmente do que na história grega posterior. As raias organizadas com vistas à pilhagem não têm nada de excepcional, pelo contrário, e os heróis homéricos gabar-se-ão tranquilamente das suas proezas. Ulisses, em casa de Alcínoo, começa assim o relato das suas viagens desde Tróia: «Partindo de Ilião, o vento que nos levava conduziu-nos a Ismaros, no país dos Cicones. Aí, pilhei a cidade e matei os guerreiros e quando, sob as muralhas se partilharam as mulheres e o monte de riquezas, fiz tão bem os lotes que ninguém, ao partir, me fez qualquer censura.»¹⁴ O saque tomado ao inimigo será em seguida repartido pelos participantes na expedição, tendo o chefe direito a uma parte especial¹⁵.

Todavia, a guerra não podia constituir o único meio de aquisição. Para obter os metais e os objectos preciosos era geralmente necessário recorrer às trocas, e a guerra comportava os seus riscos: podia ter de se enfrentar um inimigo mais forte, e a

¹⁴ *Odisseia*, IX, 39-49, trad., V. Bérard.

¹⁵ Cf. *Iliada*, I, 165-168; *ibidem*, XIV, 365-368.

agressão voltava-se então contra o agressor. Com efeito, o mundo homérico, se reserva um amplo espaço à violência, conhece ao mesmo tempo todo um código das relações com o estrangeiro, pelo menos na *Odisseia*, por meio do qual as trocas podem organizar-se sem derrogar a ética aristocrática. Encontramos na *Odisseia* (não na *Iliada*) numerosos exemplos de uma técnica das trocas, a do dom e do contra-dom, que é bem conhecida em numerosas sociedades primitivas¹⁶. No mundo homérico, como em numerosas sociedades arcaicas não existem dons desinteressados. Não se dá simplesmente para se ser agradável, mas porque se antecipa, a curto ou longo prazo, um presente ou um serviço em retribuição. O princípio é de tal modo admitido no mundo homérico que nunca é posto em questão: é uma prática que o poeta subentende como óbvia. O dom funda a obrigação do contradom. Os heróis receberão assim os seus hóspedes e apressar-se-ão a oferecer-lhes «presentes» (armadura, metais, objectos preciosos, etc.), esperando sistematicamente uma retribuição em espécies ou em serviços que compensarão. Por meio desta instituição, as trocas podiam organizar-se e as lacunas da autarcia eram preenchidas. É preciso acentuar fortemente o carácter estritamente não comercial destas trocas. Toda a noção de lucro é aqui rigorosamente excluída. Pelo contrário, a noção actuante é a de equivalência: os presentes devem equilibrar-se dos dois lados, não se põe a questão de obter o mínimo lucro com a transacção. As trocas deste género acabam assim por se inscrever de modo aceitável no quadro da ética aristocrática. Veremos, pois, os heróis homéricos empreender pessoalmente longas viagens para procurarem por via de troca o que faz falta ao *oikos*. Mas que lugar ocupa o comércio propriamente dito no mundo homérico?

Ele existe, em certa medida, mais na *Odisseia* do que na *Iliada*, mas está longe de ser muito desenvolvido. Não existem feiras em Homero e a *ágora* das cidades não tem função económica, é um lugar de reunião. Homero não possui um termo técnico para designar o comerciante; para ele, os comerciantes são vagos *prekteres*, agentes¹⁷. A palavra *emporos*, que designará mais tarde o comerciante marítimo por excelência, ainda não significa mais do que «passageiro» (de um navio). Os únicos verdadeiros especialistas do comércio são estrangeiros, em par-

¹⁶ O papel desta instituição nas sociedades «primitivas» foi reconhecido em primeiro lugar por M. Mauss, «Essai sur le don, forme primitive de l'échange», in *Année sociologique*, 1923-1924, pp. 30-186, retomado em *Sociologie et anthropologie*, Paris, 1950.

¹⁷ *Odisseia*, VIII, 162.

Indicador de referência e estudo do projeto
económico da sociedade grega

particular os fenícios (isto é, para os gregos, todos os levantinos). Aparecem pouco na *Iliada*¹⁸, muito mais na *Odisseia*. Vêmo-los trazerem objectos preciosos (obras de arte) e de pacotilha, e escravos. Por vezes, podem muito bem tornar-se piratas e vender os seus passageiros como escravos. A sua reputação é sempre má: acolhe-se a sua mercadoria, mas desconfia-se deles. Não contribuem para uma qualquer valorização do comércio, pelo contrário¹⁹. O lugar do comércio na escala dos valores homéricos é clara. O exemplo mais nítido é-nos fornecido pelos feácios. Os feácios são o povo marítimo por excelência: os nomes de pessoas, entre eles, derivarão mesmo frequentemente do mar e da navegação²⁰. A sua habilidade naval é extraordinária e, por vezes, tem a ver com a magia. Mas serão os feácios comerciantes marítimos? Não têm qualquer relação com o mundo exterior e não sentem senão desconfiança em relação aos estrangeiros. Vivem, não do comércio marítimo, mas da terra. Povo marítimo, os feácios recusam-se ao comércio: e será precisamente na Feácia que Ulisses sofrerá o insulto supremo, acusado de ser um vulgar comerciante, preocupado com a sua mercadoria e com o seu lucro, insulto que só poderá anular demonstrando estrondosamente as suas proezas físicas e, deste modo, a sua qualidade de herói.

As baixas classes sociais em Homero

Homero ocupa-se sobretudo dos heróis: só nos informa, pois, imperfeitamente sobre as baixas classes sociais. Na *Iliada*, elas não contam muito. A *Odisseia* interessa-se mais por elas, e não somente como grupo, mas também enquanto indivíduos (a diferença de assunto tem evidentemente o seu papel). Mas a margem de incerteza permanece grande: a hierarquia das baixas classes sociais é muito controvertida.

Segundo um ponto de vista muito difundido, o critério essencial para estabelecer o estatuto de um homem no mundo homérico não era a posse ou não da liberdade pessoal, mas a distância em relação ao *oikos*. O estatuto de um homem não se define em abstracto, mas em relação com a sua integração ou não num grupo e, no mundo homérico, a unidade base é o *oikos* aristocrático, não a *polis*. Por conseguinte, o termo inferior é, não a situação do escravo, mas sim a do *teta*, homem livre

¹⁸ *Odisseia*, VI, 289-291; XXIII, 740-745.

¹⁹ *Ibidem*, XIV, 287-309; XV, 415-484.

²⁰ *Ibidem*, VIII, 111-119.

mas que nada possui, e que se vê, pois, obrigado, para viver, a vender os seus serviços a outrem, colocando-se assim na sua dependência sem sequer poder ter a certeza de receber o salário estipulado. Aquiles, nos Infernos, declara preferir ser um *teta* sobre a terra, trabalhando ao serviço de um homem pobre, do que reinar sobre todos os mortos do país de Hades. A existência deste *teta* era precária: não possuía qualquer laço nem fazia parte do *oikos* aristocrático como escravo, o qual, deste ponto de vista, era mais afortunado do que ele.

Por outro lado, é certo que o estatuto do escravo podia, na realidade, ser muito variável. Não existe distinção entre livre e escravo na natureza do trabalho realizado (mesmo os próprios heróis são capazes de participar nos trabalhos: como se viu, o preconceito contra o trabalho enquanto tal não é tão acentuado como, por vezes, mais tarde). No interior de um *oikos*, o nível de um escravo pode variar: entre os escravos, homens e mulheres, que fazem parte do *oikos* de Ulisses, podem-se distinguir dois grupos. A par dos escravos vulgares, que não fazem mais do que executar as ordens que lhes são dadas, existe um grupo de privilegiados que gozam da confiança e da estima dos seus senhores e participam na gestão do *oikos*. Eumeu havia recebido de Ulisses uma leira de terra e uma mulher e, além disso, comprara um escravo para si. Não fora libertado (a noção de libertação é ainda desconhecida de Homero), mas era como se fosse. O nível de Eumeu podia parecer superior ao de certos homens livres.

Todavia, não parece dever negar-se toda a significação à antítese entre livre e escravo. Por um lado, o *teta* de Aquiles não é necessariamente um caso tipo; a condição do *teta* podia de facto variar e não representa forçosamente um termo inferior bem definido. O mesmo quanto a Eumeu: é um caso excepcional, e a sorte do escravo na *Odisseia* é geralmente menos invejável. De qualquer modo, Eumeu, mesmo privilegiado, não se tornava inteiramente livre, mas permanecia ligado ao *oikos* de Ulisses. Vários passos levam a pensar que a antítese entre livre e escravo era já fortemente sentida; para um homem livre, não há pior desgraça do que a escravidão, pois «Zeus tira ao homem metade do seu valor quando o faz perder a sua liberdade»²¹.

Acerca dos outros membros da sociedade estamos menos informados. Entrevê-se a existência de pastores independentes, sem que saibamos grande coisa sobre a sua sorte. Não há vestí-

²¹ *Odisseia*, XVII, 322-323; cf. os receios expressos por Heitor relativamente a Andrómaca, *Iliada*, VI, 450-463.

gios de camponeses dependentes como os que se conhecerão na época arcaica, o que não significa que não existissem nos tempos homéricos. Encontramos também artesãos. Um grupo à parte parece ser o dos «demiurgos». Não se trata especialmente de artesãos, visto que neste grupo se incluem os ofícios de profeta, médico, arquitecto, aedo²² e arauto²³. Todas elas são actividades um pouco especializadas que não se exercem no quadro do *oikos*: os demiurgos são especialistas itinerantes que oferecem os seus serviços à comunidade. (é esse o sentido da palavra), e a sua habilidade confere-lhes uma posição um tanto especial.

Assim é, nas suas grandes linhas, a sociedade da *Odisseia*. A distância que separa este mundo do da *polis* clássica é evidentemente grande: é inútil insistir sobre isso. Convém antes pôr o acento sobre as continuidades e as semelhanças entre este mundo, ou melhor, entre a sua ética e o seu sistema de valores, e o dos séculos seguintes.

O próximo testemunho literário da história grega, Hesíodo, informa-nos sobre todo um aspecto da sociedade grega mais ou menos descuro por Homero, a vida do pequeno camponês. Hesíodo separa-se de Homero quanto a um ponto capital, a sua recusa total da violência e da guerra. Mas, mantidas todas as proporções, o seu ideal de independência não difere fundamentalmente do do *oikos* homérico, e a ética do dom e do contradom não lhe é estranha. A concepção homérica do comércio aproxima-se singularmente das considerações de Aristóteles, alguns séculos mais tarde: o comércio é vil enquanto procura o lucro, e será sobretudo negócio de estrangeiros; só são admissíveis as trocas de carácter não comercial, para assegurar a autarcia. A ambição dos heróis homéricos é adquirir pelas suas proezas uma glória imorredoura: encontraremos este mesmo ideal, mas transposto para a escala cívica e no quadro das lutas entre as cidades gregas, expresso por Péricles nos discursos de Tucídides.

Finalmente, é preciso insistir num episódio da *Odisseia*, pois parece prefigurar o futuro: é a utopia dos feácios, a primeira utopia da literatura grega. O mundo real, da *Odisseia*, o de Itaca, não é um mundo de especialistas. As mulheres, no palácio de Ulisses, aprenderam todos os trabalhos; as únicas especialistas entre elas são as mulheres que fazem girar a mó e uma delas queixa-se da sua sorte²⁴. Itaca, além disso, pode muito bem ser uma ilha, que não deixa de ser um mundo de terrestres. Na Feácia, em contrapartida, as mulheres dividem entre si várias

²² *Odisseia*, XVII, 381-386.

²³ *Ibidem*, XIX, 135.

²⁴ *Ibidem*, XX, 105-119.

funções e, além disso, a especialização das funções é posta em relação com a habilidade marítima dos feácios. Entrevêm-se nesta utopia traços que anunciam, com vários séculos de antecipação, a Atenas clássica, o que sugere, bem entendido, que o modelo ateniense não é uma inovação absoluta, facto que Tucídides, quando, na *Arqueologia*, o faz remontar ao passado, compreendia muito bem. Não deixa de ser por isso verdade que os feácios, que julgamos antecipadores, não são os heróis da *Odisseia*. Em plena época das primeiras aventuras marítimas e coloniais, Homero faz-se o cantor de um mundo terrestre.